

O excesso é a maior marca

Sébastien Charles é uma das maiores referências da filosofia atual. Ao lado de Gilles Lipovetsky, criou o conceito de hipermodernidade, em que coloca em debate os desafios e características da sociedade contemporânea. O intelectual francês veio ao País para o lançamento do livro *Cartas sobre a Hipermodernidade* (Ed. Barcarolla), dentro da programação do Ano da França no Brasil. Entre as suas abordagens estão a falência das utopias e o desenvolvimento da cultura individualista, centrada no presente, que privilegia a autonomia, o consumismo e o hedonismo.

CATARINA ALVES

Meio & Mensagem — O que o conceito de hipermodernidade traz de novo ao conceito de modernidade?

Sébastien Charles — Não existe uma diferença radical entre eles. Os princípios são os mesmos. Na modernidade, eram o indivíduo, a ciência, o mercado, a democracia. Quando eles aparecem, nos séculos 17 e 18, as bases eram as tradições estabelecidas. Mas, com o surgimento do consumo de massa, tudo começou a mudar. O mundo das tradições começou a ser minado pelos novos princípios. Como não há moral sobre eles hoje, podemos falar em hipermodernidade. Nela, não há a mesma influência das tradições. São concepções diferentes do que é a família, o Estado, a igreja, a escola. As estruturas rígidas da tradição desapareceram. Não existem princípios contra a hipermodernidade para freá-la. Estamos na fase do excesso, e nada pode barrar isso.

M&M — O excesso é a marca dos novos tempos?

Charles — Sim, o excesso de informações, o excesso de caos nas grandes cidades. É só pegar um táxi e dar uma volta numa cidade como São Paulo que teremos a noção do que é o excesso. Há excesso em toda a vida cotidiana, no consumo desenfreado, no uso de drogas, nos esportes, na relação com o nosso corpo. Nunca quisemos ser tão jovens por tanto tempo. Além do excesso de perfeição, com o culto à performance e a busca acelerada pela excelência. Por isso, a hipermodernidade é o melhor conceito para explicar os novos tempos.

M&M — O que virá após a era dos excessos?

Charles — A valorização da moderação. Temos pessoas

lutando pelo meio ambiente, contra a poluição, ou seja, contra a lógica do excesso. A moderação é o lado positivo da hipermodernidade, na medida em que há uma consciência global. A crise econômica atual é uma prova de quanto o excesso pode ser perigoso. As pessoas dizem que na era dos excessos as pessoas estão mais individualistas e narcisistas. Mas isso não é completamente verdade; temos também o outro lado. Este é o paradoxo da sociedade. Ao mesmo tempo em que existem muitas pessoas pensando apenas em si mesmas, temos outras pessoas pensando na coletividade e no futuro a longo prazo, algo inédito no passado. Hoje se pensa muito no que vamos deixar para as nossas crianças, netos. Pela primeira vez na história, percebemos a necessidade de pensar nas novas gerações.

M&M — No livro, você fala que o conceito de felicidade mudou com os tempos. Como definimos a felicidade hoje?

Charles — Pela primeira vez na história, há a ideia de que a filosofia é a melhor opção para obter a felicidade. No início do século 19 havia o conceito de que a política nos ofereceria a felicidade. A ideia da felicidade coletiva era um novo conceito na Europa. O primeiro objetivo da política seria trazer a felicidade para o povo. Na Constituição norte-americana foi incluído o artigo que fala do direito do cidadão de ir em busca da felicidade. Hoje somos menos ingênuos e mais resistentes a essa ideia. É claro que sabemos que a política pode fazer algo. Mas ela não pode nos dar a felicidade. Hoje se pensa numa forma de fazer filosofia, de modo que a questão da felicidade esteja na abordagem central do pensamento filosófico. No

vácuo da angústia atual de as pessoas não saberem para onde ir, acredito que a filosofia pode dar alguma inteligibilidade e direção aos indivíduos.

M&M — Você afirma que desde os anos 80 uma revolução permanente no comportamento dos indivíduos dificulta a análise do mundo em que vivemos. Ao mesmo tempo, diz que os indivíduos hipermodernos são marcados pelo hedonismo e individualismo. Temos ou não padrões de comportamentos nesta geração?

Charles — Hoje é mais difícil explicar os comportamentos coletivos. Há uma grande especialização do conhecimento. É cada vez mais difícil ter uma visão global da sociedade. É só pensarmos na medicina. Se formos a um médico, ele vai te dar um diagnóstico com base na sua especialidade. Se formos a outro, teremos uma resposta completamente diferente. É difícil ter uma visão global de alguma coisa. E será cada vez mais difícil. Na minha área, por exemplo, é difícil conversar com alguns dos meus colegas sobre algum tema filosófico. Cada um fala do assunto do qual é especializado. Cada um faz uma coisa diferente. Isso ocorre no campo das ciências humanas, sociais, literatura, etc. Não há um conceito-padrão. Acredito que será necessário repensarmos o sistema de educação nesta sociedade. Precisamos que o indivíduo tenha uma visão global do que é esta sociedade e o que eles podem fazer nela. Na reforma universitária será fundamental a multidisciplinaridade. As pessoas da área das ciências naturais terão de ter noções na área de humanas e sociais, e vice-versa. Cientistas fazem experimentos sem pensar naquilo que estão fazendo. Meus alunos de filosofia

não fazem a menor ideia de como o mundo funciona hoje. É um modelo ultrapassado de produção de conhecimento, que não inclui a ética ou assuntos atuais nos debates.

M&M — O excesso de informação torna cada vez mais necessária a presença de filtros. O conhecimento sempre será dependente de um olhar especializado?

Charles — No mundo do excesso de informações, precisamos valorizar cada vez mais o espírito crítico. É impossível que um jovem de 15 anos consiga discriminar a qualidade das informações por conta própria. É ingenuidade acreditar no contrário. Não sou crítico às novas tecnologias, e acredito que esta sociedade é marcada por uma intensa profusão de conhecimento, como nenhuma outra da história. Ao mesmo tempo, temos a sensação de crescimento da insignificância. Há muita informação, mas ninguém se importa com elas. Porque há demais. Nos anos 60, a televisão era o grande meio de comunicação. Hoje as pessoas ligam ao mesmo tempo a TV e a internet, leem revistas e jornais, e gastam apenas cerca de cinco minutos com cada um deles. Sabe-se das guerras, poluição, mas ninguém se espanta. Esse é o problema da falta de triagem das informações. Cada vez mais, as pessoas não se importam com nada. A informação se tornou banal. A solução para isso é a educação, a formação do espírito crítico e da capacidade de análise das diferentes situações.

M&M — Qual é a grande angústia da sociedade hipermoderna?

Charles — A partir do colapso dos pontos que unem o indivíduo ao coletivo, os parâmetros socializadores, perdeu-se a noção de autoridade e ganhou-se o conceito de autonomia. É o indivíduo que decide se irá ou não à igreja. Não há mais a imposição. As liberdades individuais foram conquistadas. Nesse momento, o novo regime de autonomia transferiu o poder ao indivíduo de decidir o que é prazer e felicidade. Naquele momento, não havia a consciência do fato de que quanto mais se é feliz, mais se é responsável por isso. Hoje sabemos disso. Quando as mulheres decidiram trabalhar fora de casa, por exemplo, não imaginavam o que estava por vir. Claro que o avanço foi maravilhoso, mas elas não se deram conta de que a vida ficaria mais difícil. Teriam de arranjar tempo e disposição para serem boas profissionais, boas donas de casa, boas mães, serem a supermulher. Antes dos anos 70, a economia e a sociedade eram mais simples. Hoje, temos muito mais fontes de angústias. No nível internacional, temos o terrorismo, a poluição. No nível nacional, há a violência, as diferenças entre ricos e pobres, o que aumenta a violência social. Ao mesmo tempo, a sociedade nos obriga a sermos mais performáticos. O melhor pai, o melhor funcionário, o melhor marido, o melhor amigo, etc. O mesmo ocorre com as mulheres. Existe um modelo que é impossível atingir. Por isso surgiram novas patologias, as doenças dos performáticos, como o estresse, depressão e ansiedade. Hoje somos livres para estabelecer os nossos próprios objetivos, o que é muito difícil. Se somos 100% hoje, amanhã teremos de ser 110%, ou não teremos evoluído. É uma matemática cruel. Os indivíduos nunca estiveram tão frágeis e perdidos. A sociedade nos exige superar todos os limites. Nunca tivemos tantas atividades esportivas que exigem a superação de toda a capacidade física.

M&M — O fato de o governo norte-americano ter sido acionado para solucionar a crise financeira nos EUA pode ser um sinal de retorno do poder do Estado diante das liberdades individuais?

Charles — O Estado sempre esteve presente. Com o novo modelo, apenas esquecemos disso. Ele sempre regulou o mercado. Para a construção de uma socie-

dade são necessárias política, história e economia. Hoje estamos na era da economia. E essa crise é mais ideológica do que econômica. No meu novo livro abordo a importância de um novo pacto social, da ética global e da importância da inteligibilidade sobre os temas. Precisamos pensar no modelo de sociedade que queremos no futuro. Acredito que será o tempo da valorização da moderação e diminuição dos excessos. Abandonaremos a ideia de que precisamos ter o máximo de dinheiro possível e que não podemos esperar. Outras coisas serão valorizadas.

M&M — Você diz que a sociedade hipermoderna não busca o autoconhecimento. Como explica a febre pela psicologia e livros de auto-ajuda?

Charles — A questão é se esse interesse é verdadeiro. As pessoas estão realmente interessadas em modificar

Charles — O modelo que cria uma fascinação maior é o modelo ocidental. Talvez a crise que conhecemos hoje leve as pessoas a adotar os ideais orientais, que privilegiam a moderação, principalmente na religião, como o taoísmo e o budismo.

M&M — Qual o papel da publicidade na sociedade hipermoderna?

Charles — Num mundo dominado pelo hipercapitalismo, a publicidade é, com certeza, crucial para torná-lo ainda mais eficiente. E essa é a razão pela qual os opositores ao capitalismo e à indústria da propaganda são mais ou menos as mesmas pessoas. As mídias na sociedade hipermoderna parecem hoje responsáveis pela decadência de nossa sociedade liberal. É verdade que elas contribuíram para um tipo de uniformidade e conformismo social, para a deserção da esfera pública

Foto

“No mundo do excesso de informações, precisamos valorizar cada vez mais o espírito crítico. É impossível que um jovem de 15 anos consiga discriminar a qualidade das informações por conta própria. É ingenuidade acreditar no contrário. Não sou crítico às novas tecnologias, e acredito que esta sociedade seja marcada por uma intensa profusão de conhecimento, como nenhuma outra da história. Ao mesmo tempo, temos a sensação de crescimento da insignificância. Há muita informação, mas ninguém se importa com ela”

os seus comportamentos e mudar a si mesmas ou se trata apenas de moda? Milhares de pessoas leem livros sobre filosofia e felicidade, mas acho que não passa de um desejo de fazer filosofia, e não um interesse real em se aprofundar nela. Se as pessoas realmente querem aprender alguma coisa séria sobre a filosofia, teríamos muitas inscrições no departamento de filosofia das universidades. Mas vemos exatamente o contrário. Essa busca superficial faz parte de uma lógica de individuação, a necessidade de um manual para fazer tudo. É apenas mais uma forma de consumo. Não vai ajudá-los muito, mas é melhor do que nada. É melhor que apenas consumir produtos. Mas não é isso que lhes trará a felicidade. Também fico preocupado com a ideia de que a filosofia pode trazer a felicidade. É uma pretensão. Se a filosofia tivesse uma receita para a felicidade, todos nós saberíamos como ser felizes. A felicidade é mais complexa do que uma receita, ou um livro. Tem a ver com a relação que se estabelece com a vida e com a personalidade de cada um.

M&M — Há uma diferença nos conceitos de felicidade entre ocidentais e orientais?

e o excesso de individualismo que conhecemos. Mas a função delas não é totalmente negativa, porque podem ser hoje, pela sua disseminação e facilidade de consulta online, um ponto de força e uma possível forma de liberdade dos indivíduos diante das ideologias. Claro que esse papel positivo não pode nos fazer esquecer dos aspectos negativos do progresso do mundo virtual e da regressão da responsabilidade a que leva. Mas, se os meios de comunicação provocam em geral mais efeitos emocionais do que reflexões racionais, eles de alguma forma encorajam questionamentos sobre os problemas da sociedade contemporânea. Nesse aspecto, mais do que publicidade ou meio de comunicação, o ponto principal é educação: se você não valorizar o espírito crítico e o conhecimento de diferentes tradições, se não ampliar o nível cultural da maioria da população, a mensagem das mídias e a abundância da publicidade irão ser assimiladas sem distanciamento e sem reflexão. Diante dos possíveis excessos na esfera da mídia, a responsabilidade individual e coletiva, na minha opinião, é a melhor resposta, já que a qualidade dos meios de comunicação é, na verdade, o reflexo puro da sociedade onde atuam.